

O CORPO NOSSO DE CADA DIA: para onde ele caminha?

Carmen Lúcia Soares
Faculdade de Educação-UNICAMP

Neste texto proponho pensar o corpo nosso de cada dia como um momento que se conecta a outros já passados e outros que ainda virão. Pensar o corpo como um texto vivo da sociedade, como inscrição que se move e, assim, permitir ser levada(o) para muito além de todo começo possível.

Abstract (falta)

O corpo nosso de cada dia caminha em múltiplas direções, as quais são dadas pelos lugares sociais que ocupam. Parece que hoje predomina uma tendência de exibição de si, seja de suas intimidades existenciais, seja de seu corpo, incluindo aí o glamour em torno da exibição milionária do corpo nu ou de suas partes nuas nos muitos cardápios humanos oferecidos pela mídia.

Mas existem vários e múltiplos corpos...pensei em corpos urbanos.

Há aqueles que desfilam nas protegidas e glamourosas passarelas, esquadrihados no limite máximo, desenhados e esculpidos centímetro a centímetro pelos personal trainers. São corpos que se deslocam em espaços isolados e “seguros”, em carros particulares. São corpos que comunicam slogans, marcas, são outdoors ambulantes, sem idiosincrasias, centrados em sua biologia, seguidores dos gurus das dietas, dos cosméticos, do último grito do consumo.

Há corpos que se exibem demonstrando proezas nas múltiplas telas que encenam a guerra moderna – os atletas – cujos corpos traduzem, pela sua performance, o último “método de treinamento”, o último “composto alimentar”, a última “droga” (aquela que é invisível aos testes); corpos replicantes, cada vez menos próximos do que historicamente se pensou como humano. Corpos que quanto mais se aproximam do humano, menos medalhas conquistam, menos glória oferecem às logomarcas substitutas hoje das nações.

Mas há também aqueles corpos que se permitem uma liberdade de viver. Corpos que, de fato, habitam uma cidade e a vivem em suas misérias e glórias. Caminham por ruas (calçadas ou não), tomam ônibus, metrô, sobem e descem ladeiras e escadas, saltam poças

de lama, buracos, desviam-se de outros corpos, esbarram-se, sentem o calor e o cheiro do outro com quem partilham a cidade.

Pensar no corpo nosso de cada dia nos remete para os muitos corpos que aí estão e que vão para lugares distintos e carregam consigo e em si marcas também distintas que dizem dos lugares de onde vieram, porque mais que saber para onde vão é preciso saber de onde vieram, por que optam por um trajeto e não outro, por que desenham traçados tão distantes uns dos outros.

Proponho pensar o corpo nosso de cada dia como um momento que se conecta a outros já passados e outros que ainda virão. Pensar o corpo como inscrição que se move e assim permitir ser levada (o) para muito além de todo começo possível. Pensar que no momento em que percebo um corpo, outro, bem anônimo a este, já o precedia e bastaria a mim apenas encadear um ao outro e mais outro e, assim, prosseguir com este texto vivo da sociedade. Pensar o corpo que, com sua materialidade, emoldura um retrato da sociedade e revela, como espaço que é, toda imposição de limites, as interdições, assim como as transgressões e as liberdades conquistadas.

Para onde caminha o corpo nosso de cada dia? Como não há um corpo, mas corpos, talvez fosse bastante revelador pensar mais sobre o ser corpo hoje; sobre a possibilidade de respeito ao humano factível que se apresenta ao mundo. Do corpo como um lugar de resistência às muitas e múltiplas dissoluções de sentido. Do corpo como território de subjetividade, constituído de história, de marcas visíveis, indelévels. Um pensamento contrário, portanto, àquele que percebe o corpo como matéria manipulável, cujas partes “indesejadas” podem ser substituídas, cujas marcas do tempo e da história podem e devem ser apagadas, cuja existência material pode ser trocada assim como se troca de objetos de consumo.

Talvez, por isso, pensar a educação do corpo seja algo que mereça hoje uma atenção maior pois ela, como intérprete de discursos que é, pode afirmar uma compreensão de ser o corpo um elo de significações no tempo. Pode, ainda, tocar a imaginação humana e fazer com que venhamos a habitar as coisas que tocamos, descrevemos, explicamos.

A educação do corpo que recebemos é muito poderosa, é onipresente. São outdoors que nos circundam, são propagandas que se valem de corpos para vender desde sorvetes até

casas e carros. Há um excesso de corpos em nosso cotidiano mediado por imagens. Assim somos educados a consumir e produzir um corpo como se consome e produz coisas.

Talvez pudéssemos pensar que a educação do corpo pudesse afirmar um discurso que viesse ampliar uma leitura de ser o corpo um elo importante para se pensar um outro projeto civilizatório.